



[Home](#) [Sobre o blog](#) [Contato](#)



Crítica Teatral do espetáculo: “HABITE- ME”. Por: Francis Fachetti: ESPETACULONECESSARIO.COM.BR



Por Francis Fachetti // [Espetáculo Necessário](#) 05/08/2019

A ÉTICA OSCILANTE, INSTÁVEL, CORROMPIDA, TRATADA EM



VISÍVEL DOAÇÃO CÊNICA, COM O PODER DA LEVEZA, DELICADEZA, NUMA NECESSÁRIA IMERSÃO.

Os artistas gaúchos com nomes respeitados no teatro de animação contemporâneo, Carolina Garcia e Paulo Balardim, aliados à companhia canadense, trazem à cena carioca a leveza imprevisível e a delicadeza estonteante do espetáculo: “HABITE-ME”

Em cartaz no Sesc Copacabana, apenas até 18/08, de quinta à domingo.
Pesquisa e atuação: Carolina Garcia, com direção e dramaturgia de Paulo Balardim.

Assessoria com extremo cuidado de Mônica Riani.



É preciso destacar para maior entendimento do espetáculo um trecho da obra “ELEGIA 1”, contida no release.

Um dos mais importantes poetas da língua alemã do século XX:

“É ESTRANHO NÃO HABITAR MAIS A TERRA, NÃO MAIS PRATICAR HÁBITOS
AINDA MAL ADQUIRIDOS, NÃO DAR SENTIDO DO FUTURO HUMANO; O
QUE SE ERA, NÃO SER MAIS, E ATÉ O PRÓPRIO NOME DEIXAR DE LADO

COMO UM BRINQUEDO QUEBRADO. ESTRANHO, NÃO DESEJAR MAIS OS DESEJOS. ESTRANHO, VER TUDO O QUE SE ENCADEAVA ESVOAÇAR SOLTO NO ESPAÇO. E ESTAR MORTO É PENOSO E CHEIO DE RECUPERAÇÕES, ATÉ QUE LENTAMENTE SE DIVIDE UM POUCO DA ETERNIDADE. OS ANJOS (DIZEM) NÃO SABERIAM MUITAS VEZES SE CAMINHAM ENTRE VIVOS OU MORTOS. A CORRENTEZA ETERNA ARREBATA ATRAVÉS DE AMBOS OS REINOS TODAS AS IDADES SEMPRE CONSIGO E SEU RUMOR AS SOBREPUIJA EM AMBOS. COMO SUPORTAR, COMO SALVAR O VISÍVEL, SENÃO FAZENDO DELE A LINGUAGEM DA AUSÊNCIA, DO INVISÍVEL? AS COISAS ESTÃO LONGE DE SER TODAS TÃO TANGÍVEIS E DIZÍVEIS QUANTO SE NOS PRETENDERIA FAZER CRER; A MAIOR PARTE DOS ACONTECIMENTOS É INEXPRIMÍVEL E OCORRE NUM ESPAÇO EM QUE NENHUMA PALAVRA NUNCA PISOU”

(RAINER MARIA RILKE – EXTRATOS DA ELEGIA 1).

Com uma narrativa bem apoiada na música, uma trilha sonora simplificada em sofisticação, nas mãos de Tuur Florizoone, à cena caminha com máscaras, bonecos e movimentações sólidas pelo corpo e alma da atriz. Gestos minuciosos de aparente pesquisa aprofundada e aguda.

Oniricamente engajado e amalgamado no poema “ELEGIA 1”, citado acima, uma poesia que contempla e que detalha a vida e a morte, atemporal. O imprevisível, a juventude que se ganha e se perde, os cuidados e

descuidados que atropelamos.

Idosos envoltos de fragilidade e sensibilidade, singulares em bonecos inanimados que nos representam na distopia que nos é presente.

Um casal de idosos que encontram o valor duradouro do amor, mesmo diante da brevidade da vida. Baluartes que se tornam densos diante da imprevisibilidade.



O inabitual tendo que ser habitual, envolto numa indumentária de expressiva beleza por Cris Lisot, em meio às oscilações e às instabilidades.

O assombro do inevitável, numa fisicalidade muito bem medida por Márcia Pinheiro e Laurence Castonguay, em desassossegos e decisões com suas consequências certeiras.

A liberdade que não se mostra tão livre. Medos e dúvidas indubitáveis e corriqueiras. A perda?

O laço que o feminino/mulher sempre nos proporciona, em sensações de perdas previsíveis se perpetuando em criações de bonecos e máscaras permeando o encantamento entre homem e mulher na interação de sensações da vida e da morte que povoou o fazer artístico de Emile Racine.

A vida lutada, suada, inspirando e fortalecendo corpos que não decidem mais nada.

O impacto e o etéreo criado na proposta cenográfica, nos faz flutuar, viver e morrer a cada segundo, ser jovem e desgastado pelo tempo; no cenário de Élcio Rossini e Paulo Balardim. O insuflar da vida e o esvaziar da morte trazidos pelo efêmero, em grandes “almofadões/pessoas”, cheios e vazios, no abrir e fechar dos olhos do espectador, pela transitoriedade das

coisas/tempo, pela elegia da melancolia que penetra a vida, porém, insulfla as esperanças de querer viver. Esperanças alentadas em insigne revelador e pontual sempre com a presença da arte, de um homem iluminador chamado Renato Machado.



Com direção em caminho escatológico, relacionada com o final dos tempos, vida e morte, trata à cena esmiuçando a trajetória percorrida pela atriz,

dando- lhe suporte imprescindível a esse trabalho de nível de reflexão sem nenhuma obscuridade. Paulo Balardim é a sensibilidade necessária que o habitar, habitar-se e o habitar- me, desfruta no lirismo encontrado.



A atriz Carolina Garcia conduz a linda narrativa musical, manipula bonecos, usa máscaras e muitos adereços para nos apresentar essa poesia de

melancólica linguagem nada obscura.

Os elementos de cena são interdisciplinares, levando ao público sentimentos e sensações da efemeridade e a total inconstância do corpo imbuído de suas marcas e atravessamentos.

Carolina Garcia é a atitude, leveza e delicadeza cênica, sem perder à presença de atriz que nos encanta. Se coloca na elegia do poema para nos conduzir à poderosa e insuflada transmutação da vida que insiste a nos arrefecer.

O ponto de partida foi explorar interações para não deixar abater, esmorecer, diante da solidão e do desânimo causado pela “perda”.

Diz Carolina:

“Habitar o inanimado e me deixar habitar por ele”.

” Um novo modo de perceber o outro, através da tolerância e da empatia”. É exatamente isso que necessitamos.

O espetáculo nos dá uma respiração peculiar, um definir com clareza os assuntos. Um apaixonadíssimo poema que comunga com a morte, e renasce na busca pela vida que nos pertence, na ética da existência.

A verve de “HABITE-ME” se coloca no instável da emoção, o vulnerável, o sem controle do corpo incorporado no humano, através de bonecos e máscaras de simbolismos indelévels. O inanimado com incríveis, tocantes sensorialidades que deviam pertencer e ficar em nós, corpos recheados de carnes, sejam elas enrugadas ou “imprestáveis”, disformes em suas diferenças e num constante estado de transformação, transcender, se possível.

Somos efêmeros, invisíveis, corroídos quando não doamos, na verdade, mesmo quando doamos.

Maleáveis e incomuns quando nos permitimos. Lindos! Cheios de vida, quando nos permitimos.

Nossa ética, nossa natureza, deveria sempre está impregnada de compaixão, respeito, amor, para que o mundo não nos escorra pelos dedos, quando o embate com nossa vulnerabilidade aconteça, ou seja, no nosso dia a dia.

Sucintamente, é isso que enxergamos e surpreende ao presenciar o espetáculo, onde os bonecos, máscaras, conseguem ser mais delicados, tratáveis e necessários, como nós humanos deveríamos ser; isso só a arte pode nos revelar, doar, em sua imensa generosidade.

Um espetáculo de arte nos ensinando que a vida tem poderes, mesmo em

seus momentos mais cruéis.

“ESTRANHO, NÃO DESEJAR MAIS OS DESEJOS”.

Como já disse:

Um apaixonadíssimo poema que comunga com a morte, e renasce na imperativa busca pela vida que nos pertence. A ética da existência.

“HABITE-ME é uma obra imagética, que através do abstrato que é palpável, nos dá a verdadeira dimensão de uma ética que tem que ser cultuada e colocada em prática, mesmo com a morte e a brevidade das coisas nos desafiando.

Espectáculo NECESSÁRIO!





Escrito por

Francis Fachetti

Pós-graduado em linguagem teatral pela faculdade Dulcina de Moraes (DF), bacharel em arte cênicas (Ator), Coreógrafo, Bailarino, Diretor de Movimento, Dançarino de flamenco e Crítico de Teatro e de Dança.



Mostrar Comentários

Redes sociais



Apoio



Anuncios



